

Marcos Pasche



ACOSTAMENTO

ACOSTAMENTO

o solo para aquém da metafísica

© Marcos Pasche, 2008
© Oficina Raquel, 2008

Produção, projeto e artesanato
Oficina Raquel

Marcos Pasche. Acostamento: o solo para além
da metafísica. Rio de Janeiro: Oficina Raquel,
2008. 120p.

ISBN 978-85-61129-04-0

I. Poesia Brasileira 2. Marcos Pasche

Oficina Raquel
www.oficinaraquel.com

“que este livro dure até antes do fim do mundo”

ACOSTAMENTO

o solo para aquém da metafísica

Marcos Pasche



Índice

<i>Apresentação</i>	13
<i>I – derradeiros farfalhares dos jameloeiros</i>	
PROÊMIO	19
<i>I – quando maior e mais puro era meu coração</i>	
MARGINAL, POEMA DO EXISTIR EM DESENVOLVIMENTO	27
AS PESSOAS	28
DEPOIS DA FÁBULA	29
FUGA, CANTO DE UM PRISIONEIRO	30
VERSOS PERENES, DESSONETO	31
MÁ SORTE	32
AMOR DESEFEITO	32
NO BOTEÇO DO GERALDO	32
INVEJA DO JOVA	33
LEMBRANÇA DO OLHAR	34
SOMOS TODOS IGUAIS PERANTE O FIM DE UM AMOR	34
LENDA DE GRUMARI	35
<i>2 – na estrada</i>	
JOSÉ CARLOS PRIOSTE	36
POMBOS	38
ESTUDANTES	42
ESTUDANTES II	43
MANGUE OSWALDO GOELDI	44
NÁ VOLTA DO TRABALHO, AO TELEFONE COM SANTINHA	45
PROVÍNCIA (CONTRÁRIO A ODAIR JOSÉ)	46

TIRA O PÉ DO CHÃO!	67
FRANQUEZA	67
SUSPEITE	67
BRUXA QUE PEGA HOMEM	68
NO JORNAL (OU AÇÃO, REAÇÃO E PENITÊNCIA)	68
CLAMOR	68

2 – bolsa de valores

SEM MITO	69
A FACE	69
NEGÓCIO	70
NATUREZA MORTA	70
NOTÍCIA	71
A REPÚBLICA	71
PANFLETO DESTE MINUTO	72
DEZOITO ANOS	72
IDENTIDADE	73
CADASTRO DE PESSOA ABSTRATA	73
SHOPPING	74
EX-BELEZA	75
PAIDÉIA	75
O INCAUTO	76

III – por que me ufano ou não

ARTE POÉTICA (QUE SE QUER ARTE DOS DIAS)	79
--	----

I – à moda nossa de cada dia

O SIM E O NÃO	80
OS SITUACIONISTAS ATUAIS DA POESIA NO BRASIL	81
BERRO	81

EXTÉTICA	81
ADRIANO ESPÍNOLA	82
SIMPÓSIO (CADA UM DÁ O QUE TEM)	83
<i>2 – em meio ao trânsito, jangada</i>	
ADRIANO ESPÍNOLA II (MIJANDO NO AUGE DO NEOLIBERALISMO)	85
DITADO	86
EPIGRAMAS	86
CHARLES BAUDELAIRE	86
ANTONIO CARLOS SECCHIN	87
JOÃO CABRAL E HERÁCLITO	91
CLARICE	91
FRANCISCO ALVIM	91
MACHADO DE ASSIS	91
UM PRÉDIO DE OSCAR NIEMEYER	92
AO SANTO POETA	93
CARNE-VIVA	94
<i>IV – apêndice: acostamento</i>	
CAVERNA MAIS MODERNA	97
<i>tudo ao mesmo tempo agora</i>	
ACOSTAMENTO	98
<i>Afinal</i>	113

APRESENTAÇÃO

Acostamento, de Marcos Pasche, se constituiu na promissora estréia de um poeta que efetua uma particular síntese entre ingenuidade e malícia, ora revelando-se o ser (precocemente) desiludido frente às promessas pretéritas que a vida se incumbem de triturar (cf. “Pombos”), ora reprocessando o material triturado para com ele armar-se frente ao futuro (cf. “Província”). Apesar de, no registro dicionário do termo “acostamento”, Pasche haver enfatizado a oitava acepção, percebemos que, em graus diversos, todas as demais são pertinentes a seu trabalho, desde que substituamos o vocábulo original por “Poema”, e permitamo-nos, em decorrência, efetuar as devidas adaptações:

Poema, s.m. 1 *ant.* moradia que a Poesia dá a seus seguidores (o poema: a casa preferencial da poesia);
2 dependência material em troca ou não de serviços (às vezes a poesia parece entrar “de graça” no texto, cf. “Lembrança do olhar”, outras exige grande trabalho do poeta, cf. “Acostamento”, sem falar nas ocasiões em que, apesar do esforço de construção, a morada fica vazia);
3 apoio na superfície de outro corpo (a matéria do poema se abastece em outros corpos poéticos, dia

logando com o que, neles, aflora à superfície para ser transplantado ao novo corpo – cf. “A face”);
4 disposição do corpo na horizontal (o poema se depõe horizontalmente, em linhas sucessivas; a verticalidade é esporádica, quando não “decorativa”);
5 estado de contigüidade; limite, vizinhança (poemas à beira-vida e à beira-livros, quando for possível demarcar os dois espaços; melhor ainda quando não é possível – exemplo: “Carne-viva”);
6 posicionamento próximo a algo (poema se abeira do poético, cf. “Charles Baudelaire”, “Na volta do trabalho”, ou da falência, quando fracasso)

7 MAR atracamento em cais, embarcação etc. (poema deve buscar outro poema, embarcar em outros textos de igual natureza, cf. “Canção do exílio”. E não ficar parado no cais, ouvindo só o que o crítico lhe diz...).

É hora, portanto, de soltar as amarras deste *Acostamento*, que, na oitava acepção, é “margem destinada sobretudo a paradas de emergência”. A margem crítica já foi ocupada por tempo suficiente. À poesia, leitor!

Antonio Carlos Secchin

ACOSTAMENTO

*A minha alucinação
é suportar o dia-a-dia,
e meu delírio é a experiência
com coisas reais.*

Antônio Carlos Belchior

acostamento *s.m.* **1** *ant.* moradia ou ordenado que os reis davam a seus seguidores **2** dependência material, moral ou intelectual de; favor ou proteção, em troca ou não de serviços; amparo, apoio, base **3** apoio na superfície de outro corpo **4** disposição do corpo na horizontal, ger. para repouso **5** estado de contigüidade; limite, vizinhança **6** posicionamento próximo a algo **7** **MAR** atracamento do navio em costa, cais, outra embarcação etc. **8** *B* margem da pista de rolamento de uma estrada ou rodovia, **destinada sobretudo a paradas de emergência** de veículos. (Houaiss)

*Para, como
minha Mãe, oferta;
Santinha, partilha;
Professora Maria Célia,
eterno agradecimento.*

I

DERRADEIROS FARFALHARES DOS JAMELOEIROS

Em meu fim está meu princípio.

T.S. Eliot

PROÊMIO

Para minha avó Ângela

Sou eu que cantarei, Morros sagrados,
nossa memória de tempos meninos.
Por isso peço vossos ventos finos
que tanta ternura me têm gerado.

À gente de peito avaro advirto
sobre o tanto que têm desperdiçado:
a grandeza Vossa, bem bloqueado
por barulhos que cegam os sentidos.

Mas a Vós, do São Pedro mor muralha,
meu canto louva quando o sol se espalha
nos matos, onde o plúmbeo bem se expande.

Vosso verdor, com bois, homens e casas
– tela por luz de postes respingada –
irmanar-nos-á a todo Campo Grande!

II

O barulho dos cachorros da vizinhança me desperta
para a hora de cair na vida.

E a estrada se pôs
em meu caminho,

encheu com buracos
a via do destino.

E dentro do ônibus empanzinado
– termômetro
do luto da classe –
meu corpo estático
vai
na agonia do carro

meu tempo empedrado
fica
mesmo ao furor
dos minutos.

(meu coração erra:
tem veias
no lugar de ponteiros).

Olho o morro,
quieto;
pernas engolem o choro,
xingando, porque,
perdido,
perdi a hora
(que jamais encontrei).

Perdido um minuto,
dano absoluto.

Tudo é início no caos.

Meu Parque São Pedro
que deixo sem despedidas,
sem sentir a partida,
bairro
que se apaga entre as brechas
(todo sólido corroe-se no percurso)

daqui as folhas
daqui os galos
daqui os jamelões
aqui um menino
sem sequer fotografia
(não havia quadros em minha casa)
uma dor que não se expressa

tudo foi tragado
tudo foi comido
tudo transformado

o campo se acabou
um novo dia vomitado

nossa cara envelhecida
nosso braço amarrado

meu destino é a via
em mim nada lisonjeado

tenho como marcapasso
um cronômetro disparado

rumo ao centro da cidade
lá eu um desterrado

não há vagas no ônibus
que me chega transbordado

assim pego a viagem
já à tarde terei retornado

a grande empreitada
dum médio pé-rapado.

Os morros não cabem
na condução pública
(em que o público não cabe)
minha bagagem ficou no ponto
e eu fiquei
onde mal se sabe

e pelo peso da viagem
pelo espaço entupido
meu corpo rasgou-se
pra desertar o excessivo
todo o meu céu caiu
e esperou na fila
para escorrer no bueiro

da Avenida Brasil
onde encalhamos
bioantropológicaestatutariamente
a partir de Irajá
(ira já)
por que puseram estrada
no meio do ir e vir?

meu rasgo sangrando
tudo caindo
parado, vou?

não há espaço
se me movo seja um braço
um peito
um cotovelo
vai de encontro às costelas
sem bastar o cansaço
(a viagem aniquila) (é antifraterna a via)
ai minhas árvores meninas e o rasgo aberto
faminto de enxerto

uma teima se acende por ser o único poste, o poste
que se manteve, o poste algo entrou no ônibus e fica
e se afina entre corpos no chão loteado de pés mal
encarados o poste vai
e ao se sair do engarrafamento o motor urra o carro
goza as pernas suspiram sobem as poeiras

que se grudam nos cabelos nos poros nas unhas e
entram na vala da boca (do grito engarrafado)
dos ouvidos narinas olhos e daquele rasgo de escape
que pegou peito e estômago

(de tudo se pode roubar algo)

e esse aperto esse esmago esse abafo esse nojo essa
fúria essa agonia – que vão recomeçar na volta
daqui a seis horas –

têm um breve cessar

Meus morros
do Parque São Pedro
dos meus pés
da minha pena decepada
minha caneta estourada
quanto tempo quanta coisa
só um quarteirão
e tanto nos separa

esses ventos aflagam
eu quero abraçá-los
muito nos junta
nos faz conterrados
por que negar o frescor
tão necessário?

essa vida não é mais minha

são novas as suas árvores
hoje eu, morros,
presido esse bairro
onde as ampulhetas se esfrelam
preguiçosas nas calçadas
a um só tempo
as coisas giram
sem circular

eu não fiquei
mesmo não partindo
sou tanto daqui
como se nunca houvesse sido

cruzei a estrada: o mar na derme
e o morro aos olhos
o tanto que trouxe
também vai para o bueiro
aprendi
há silêncios que matam os ouvidos

fui
estando
estou
e chegando
não mais para cantá-los
sequer pus uma muda
em seus pés

mas agora vejo

morros
–que cercam o São Pedro–
que sempre estiveram
hiperbólicos
discretos
eólicos
secretos
que a vida é estrada
de chão preto
mas nem só de asfalto
vive o enxerto

QUANDO MAIOR E MAIS PURO
ERA MEU CORAÇÃO

M T P d s) é m . d
 A I a u e u . e
 R R r r r e s n
 G a o e d d d
 I E s s r o e e
 N M E s e e .) v
 A l e m m v e
 L D i r n s e r
 , E z n o ó r
 P S e d s e . d
 O E u u e m f t e e
 O N r r u e (v
 E V A o s n r e e
 M O l . (a d r
 A L m s b o (o
 V e é e e , s d
 D I i m r e e e
 O M d s é m d v
 E a e s o e e
 E N r e (t v r
 X T é u s u o r r)
 I O é u s u o r r .
 S m e e)
 r .

AS PESSOAS

para Daniel Daniel

Paulo, menino,
não tem chinelo e ri.
Quem se entristece é o vizinho.

Élida perdeu o pai quando nova.
Não chora, mas passa horas, absorta,
entregue ao imaginário abraço.

Adauto está sem emprego.
Muita coisa lhe passa de longe por isso.
Reza.

Cristina não tem a blusa importada
para a rival lhe invejar.
Passa pela outra rua.

Laura foi deixada pelo noivo,
e seu sorriso foi pisoteado.
Bebe todas as noites.

E à noite, meio incomodadas,
essas pessoas dormem
e às vezes sonham.

Só Paulo, menino,
dorme sem incômodo.
Sonha também.

E pelo planeta,
milhares de Paulos – todos descalços –
não vão se incomodar.
Não vão sonhar.
Não vão dormir.
Estarão mortos.
Faz dias que não comem.

DEPOIS DA FÁBULA

para Vera, mãe

Tempo longe
tempo perto
não se sabe ao certo.

Quando os homens anônimos
de formigas quase sinônimos.

No escavar e no carrego,
esquivo da sina sisuda.
Trabalhando não me lembro
desta agoura vida miúda.

Meu lamento mais lamacento
é por um destino igualmente atroz.
Há homens sem sequer esquecimento:
o trabalho se esquia de nós.

FUGA, CANTO DE UM PRISIONEIRO

Vai, meu balão,
sai desta prisão.
Põe no céu estrela,
e liberdade na visão.

Vai, balão,
não queima agora não.
Dá pra gente o caminho
da meninosa ascensão.

Vai, balão,
hoje não é São João.
Mas se temos padroeiro,
pedimos em esmola
um troco de perdão.

Balão,
cuidado com o avião!
Há quem manda no ar
como mandam no chão.

Depois vem
pra buscar
a gente pela mão.
O homem pra voar
tem que aprender a sonhar
e depois derrubar
o bloqueio da sua (natural) aérea condição.

VERSOS PERENES, DESSONETO

para Daniel Gil

Agora as pessoas que me rodeiam
juntas aprovam meu sepultamento.
Fechem já o caixão que manuseiam!
Sejam de célere procedimento!

Não. Alongam o funesto passeio,
descortinando a secular farsa:
pai dá de chicote e mãe nunca veio.
Irmão nulo, refratário à desgraça.

E imaginando alívios momentâneos,
servi o coração – tolo espontâneo –
a uma de palavras de perecer.

Deformam-me casca, polpa, caroço.
Espero por lança presta ao pescoço,
ir a anjos turvos, ao seu entender.

Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 2003.

Na varanda, sob as chuvas.

MÁ SORTE

Deixei meu coração
no ponto do ônibus
dos desitinerados.

Pela manhã,
uma borboleta
informou ser dia
de greve rodoviária.

AMOR DESFEITO

para Dona Naná

Do coração ficaram as tripas,
e nelas a certeza
de que a alegria
é um breve
cansaço das trevas.

NO BOTEQUIM DO GERALDO

para Marcelo Magoo e Marcelo Magoo Júnior

Esquenta não.
O mundo dá volta.

INVEJA DO JOVA

para Marly Pasche, leitora favorita

O Jova,
velho sacana:
ai ai ai, uma historinha!

Alcidenil Lacerda,
presidente
da associação de moradores do nosso bairro,
recebeu um trote da pesada.

O presidente era crente,
mas pagou em espécie
cada putaria ouvida.

Negócio tão engraçado,
Jova danou a rir:
ria ria ria ria ria

tanto que deu um troço,
virou pro lado
e morreu
– de tanto que riu.

LEMBRANÇA DO OLHAR

para Pablo da Cruz Virgílio

Talvez você não se lembre, Aurora
(esses dias de trabalho...).

Mas veja que essa baía coberta de nuvens,
esses pássaros que na feira não valem um vintém,
esse mato corriqueiro,
são milagres,
mesmo quando não contemplados
da janela do hospital.

SOMOS TODOS IGUAIS PERANTE O FIM DE UM AMOR

para Viviane Noronha

Os amores vivem por aí a se acabar,
acabando com todos.

(Que coisa essa, a do amor, de não se contentar
em acabar sozinho!)

(Que coisa essa, a nossa, de teimar
em ignorar que o amor é também
um dragão convulso que incinera borboletas!)

E para cada acabar parece haver um dizer.
Há quem diga que o Sol já não aquece;
que as estrelas não brilham;
os sambas não empolgam;
o mar não inspira;
as tintas não colorem;
nem o passarinho canta mais.

Eu, por causa do amor que se foi,
digo que minha vida
reduziu-se à esfera de aguadas convenção e biologia.

Belas palavras, talvez digam.
Mesmo assim eu fico como todos,
acabado também.

LENDA DE GRUMARI

Os pássaros cantores
atraem os caçadores:
têm sede de som e candura:
trazem seus mimos na clausura.

Mas se Santinha à praia canta,
voluntários bichos vêm.
São pássaros, passeiam perto.
Fossem homens, caçariam-na também.

2

NA ESTRADA

Ser simples é muito complicado.

Carlos Sal Pinto

JOSÉ CARLOS PRIOSTE

I

Repara:
tua vida é
o somente
do que teus olhos
(anêmicos)
alcançam abraçar.

II

Os olhos,
mares de milagres.

Os olhos,
anêmicos,
são mares para os milagres,
porque toda
hipérbole
brota
no escasso
do embrião.

III

Mas se tu te crês
Greenwich e Equador,
atenta para
a miséria dos olhos:
a miséria de ti – que cria;
de ti – criado.

IV

Então, para ver
o mais,
fecha os olhos.

V

Se um nada se põe
à frente
é que
um começo
se assanha
em neblina,
em talvez.

VI

Não falo por minha boca.
Os séculos nos têm chamado
por bilhões de rotações.

E pedem ouvidos.

POMBOS

para André Dias

I

Foi quando vi os pombos
que vi que não via mais
os galos.

Apesar de o dia alavancar-se para o céu
e lá se instalar
sobre morros e ônibus.

Curioso, pois
estava eu na esquina
da rua Luiz Carlos Palmeira,
próximo à casa dos irmãos
Zá e Nego,
(à calçada de Severina do Céu)
por onde ontem ficavam
os mutucas
que não gritavam mas
guerreavam para encher copos, bocas e bolsos
aos domingos
(dando sabor às manhãs nas rinhas).

II

Para onde foram os galos,
penas, patas e gritos?

Terão se juntado
às borboletas e às rãs
nas fotografias largadas
da infância?

III

(Não lhes foi útil o canto
que os faz sem morte?)

IV

(Não lhes bastou a crista
que solicita respeito?)

V

(Não lhes serviu o olhar
oblíquo que a tudo detecta?)

VI

(Não lhes adelantaram sequer as asas
de fuga na hora fatal?)

VII

Pobre Parque São Pedro,
que para fazer desfilar
motos e kombis
cobriu de asfalto tudo o que havia na rua!

Que é de ti, Parque São Pedro,
sem sabiá,
sem campo de futebol
e agora
sem galos?

VIII

Tudo estará perdido?
(força a barra o poeta?)

IX

Vale a manhã
que é sem galos?

X

Os pombos em bando
no seu canto – sem canto –
parecem dizer
que é desta forma que
ergueremos as manhãs.

Até o ponto
em que se possa dar à noite
(à noite de asfalto)
um gole de dia,
uma mínima luz
de bico de galo
em bico de pombo.

O bico que se abre para trazer
manhãs em outro cenário,
de uma outra claridade
ou turvação.

18 de junho de 2006, descendo a Ministro Carlos Medeiros

ESTUDANTES

*para Dudu, Éric e Sapisco
para os meus alunos*

No fim de uma tarde:
em Campo Grande,
o Colégio Albert Sabin.

Os estudantes
pela rua

a rua
pelo ar

um mar

pela rua
as bolas

hipérbolas

pela rua
as ondas

faraônidas

pela rua
as baladas

mais badaladas

pela rua
aos agarros

arraso!

Do ônibus os vi
(como se eu ali).

Daí o telefone
(ofício de homem).

A vida chamava
à vida na mala

ao forno da mala
fumaça na mala.

(A mala é um ralo).

E eu, que neles me vi,
engarrafado
não pude reparar
que não os via mais em mim.

ESTUDANTES II

Perna moída à saída do trabalho.
Os estudantes lotavam o ônibus: caralho!

MANGUE OSWALDO GOELDI

para Sue Helen Vieira

Aquele amor – quem diria? –,
logo agora, no esperado estio,
lança-me ao esgoto bruto da baía
e leva seu barco a um insosso rio.

Aquele amor – quem diria? –
desancorou-se, afogou-me os projetos.
Cuspiu-me ao mangue, fossa da refinaria,
onde sou mais um entre tantos dejetos.

(E dizem de minha ferida,
do estado em que me vejo:
ele agora se arrasta na vida,
em espírito e casco: caranguejo).

Aquele amor – quem diria? –
fez da alma lama, aterrou a pescaria.
E da vida, do oceano que havia,
restei eu barco encalhado
e uma lodosa biologia.

NA VOLTA DO TRABALHO,
AO TELEFONE

Se estiveres lacrada com vestes,
basto-me um alfaiate às avessas:
desburocratizar-te nó por nó
e desmerecer a falsa fortaleza.

Acaso coberta de pétalas,
da pele que Deus te deu,
outro outono se anuncia
veloz: feroz: outono: eu.

No caso de roupa d'água
(profecia de teu certo sentido)
a toalha faz-se desconvidada:
troca-se por um (de suor) vestido.

E ainda que de nada vestida,
sandália, colar, brinco, enfim.
Resta-te um alfaiate às certas:
poro por poro revestir-te de mim.

*Rio de Janeiro, 17 – 18 de junho de 2005.
Na Avenida Brasil, entre São Paulo e o Sertão.*

PROVÍNCIA (CONTRÁRIO
A ODAIR JOSÉ)

para Pedro Andrade

Ser feliz?

Eu?

E o que é que os vizinhos vão pensar?

CICLO

para Flávio Machado, Sargento

O homem nasce,

crece,

se apaixona,

morre

e morre.

SEXO

Tem coisas que a gente não conta.

DAS LIÇÕES DE ADRIANO
FACÁDIO, UMA ODE

I – CULTURA OU NATURA?

Nada disso. O negócio é que
todo homem tem
uma parada
que se chama
Pau.

II – LAMENTO E CONFORTO DO
POLÍGAMO

Não tenho todas
que chamo.
Mas como todas
que panho.

GARIMPO

Tudo está.
É garimpar.

MADURA IDADE (ÀS VÉSPERAS DO
VIGÉSIMO SEXTO ANIVERSÁRIO)

Esta vida
ainda acaba
me acabando.

RONALDES DE MELO E SOUZA

Vê esta tocha.

Sua luz são sombras.

HOMEM COMUM, SÉCULO XXI

para Jorge Edson Borja

I

Também sou um homem comum,
parecido
com os de outras épocas.

Só não tenho carro
e nem passaporte.

O pânico corrosivo
– maçarico
à britadeira
no estômago –
é o emprego
evaporado com as geleiras.

II

A infância nos olhos
me mantém de pé
(até?)

mas me dano todo
por não esquecer fácil
os diários pisões
na unha encravada
do grito encravado

na área árida
da garganta
engolida

manda quem pode,
quem tem pânico obedece
e cala.

III

Comum,

desempregado,

aprovado
mas não classificado,

arrebentado
no horário de verão,

entulhado
no ônibus de manhã à procura.

(Sorria
começa o seu dia).

Comum,

daqueles
só umas férias na praia.

IV

Pensando um sol
mais brando
(com ventos)
fui aos rascunhos.

Mas disseram
ser inútil.

Os rascunhos morreram.

E não encham currículo.

Nem o bolso.

V

Já quis abraçar o Maracanã
em Fla-Flu.

Porém lá
não há
só gols e bandeiras.

A distância entre povo e polvo
é de uma letra apenas.

A angústia nos iguala,
não nos irmana.

VI

Os antigos tentáculos
e garras
vestem veludo
e se maquiaram pelo bisturi.

E hoje, veja você,
rezamos de joelhos
por uma vaga entre suas presas.

VII

Cruzo a rua
apressado
pela pressão,
pelos carros arrogantes
e pelo balas ubíquas.

VIII

A estabilidade da economia
e a boa imagem do país
mancham com merda
a alma de um homem.

O globo
roda epilético?
Certamente.

Mas olhos raquíticos
não extrapolam os classificados.

Crenças,
apenas força do vocábulo.

Nada transcende frente à total escassez.

DO MANGUE

Esta lama que melíflua se move,
para na face se fazer parada,
ao longo se alonga e consolida
feito tapete preto de estrada.

Esta lama em bolo, irmã do lodo,
um lobo outro: dum morder que é
um morder que deita e se espalha
e se instala fora e dentro até.

Esta lama, de vínculos capilares,
que se vai medrando aos metros,
crava estacas pelos poros, faz cerca
farpada, e deixa buracos descobertos.

Cimentou-se, sem pressa de saída.
A lama, que escolta, julga e reprime.
Manda ter pressa: prende os pés;
fala de calma: azáfama imprime.

A lama, que expulsa peixe e orixá,
concha, areia, castelo e barco.
A lama, que toma os siris meninos
e lhes comprime em caranguejo casco.

A lama, que embaixo e em cima
prega lembretes de cisma e medo.
Pescadores lavam peito e olhos,
e ela é carne nos cantos dos dedos.

As plantas suspendem o caule
num lampejo de fuga formulado.
A lama promete lhes molhar os pés,
mas os deixa à mostra, esgretados.

Ela morada de bicho e homem cerca,
sua rede vai da estrada ao mar.
Homem parou canoa: quer explodir;
bicho nada semeia: teme estilhaçar.

Ela, a lama, aqui é quem manda.
Faz-se, do lá ao ali, única vista.
Sua água soterra buraco – boca do solo;
sua terra afoga o ar. (Lama mista).

Lama, mãe, irmão, pai e totem,
de todos feita, a todos lutulentos faz.
Clandestino o rio desvia, porém
(cercado de seca e esgoto) jaz.

*Para a memória de Paulo Sérgio Tereré
Para as mãos de Oswaldo Guayasamín*

NO LANÇAMENTO DE ACOSTAMENTO
(A LITERATURA SEM FICÇÃO)

I

Saio do ônibus
para entrar na livraria.

II

Saio da livraria
e volto ao ônibus.

II

ESTILHAÇOS

Em Meriti

*Não chegam mais os carros de boi carregados de cana
Agora chegam modernos caminhões às lanchonetes dos chinês
Agora o boi é o homem que dirige e os outros sobre as canas
Respondem ao bom dia dizem sim dizem não com a cabeça
Subindo e descendo ou virando para os lados
E aquele sininho pendurado no pescoço
Agora é um chip enfiado no corpo*

Lasana Lukata

GLOBALIZAÇÃO

para Paulo e Fernanda

Drummond,

fora do país
ruas limpas
(livres)
dos papéis sujos.

Mesas fartas
de macarrão
(faltas do cartaz
amarelão).

Mas lá também é proibido sonhar.

1

POR OCASIÃO DA MORTE
DA HISTÓRIA

para Affonso Romano de Sant'Anna

CRÔNICA

O que Deus faz,
o homem destrói.

O que Deus não faz,
o homem inventa
para logo após
destruir também.

DÚVIDA

Tem caboclo querendo saber se Guevara será
|clonado.

EVANGELHO

para Daniel Madurera Martins

Naquele tempo,
antes de sua partida
o Filho do Homem disse:
Pai, perdoa-lhes!
Eles não sabem o que fazem!

Ao retornar
andou,
leu,
ouviu,
assistiu,
congregou
e visitou casas
erguidas em Seu nome.

Depois levantou os braços,
bradando:
Pai, perdoa-me!
Eu não sei o que fazer!

REVOLUCIONÁRIOS

Na toca
a banda se entoca
e nada toca
(a ninguém toca).

BRASIL 2000 E TANTOS

Quem diria,
trigo,
você repleto,
se fartando
de joio?

ESSE TEMPO QUE NÃO
PÁRA DE CHEGAR

para Ângelo Gomes

Pernas pernas pernas pernas
e pernas e pernas.

Os olhos perguntam:
Para que tantas?

Mas o coração não pergunta nada.

O coração não tem tempo.

E também não está nem aí.

DESEMPREGADOS

para Adriana Guimarães Aloiza

Sujeitos da História?
Só se a História for
uma oração sem sujeito.

CANÇÃO DO EXÍLIO

para Rosângela Facádio

Minha terra tem

Não, minha terra tem
nada.

Eu não tenho terra.

CANÇÃO AQUI

Em meio a mil sabiás gorjeios coloridos,
mosquitos milhões resmungam zumbidos.

ANTROPOLOGIA DO TRÂNSITO

para Roberto Lota

Dois leves toques de buzina
são sinais de cordial oferta
para agradecer abertura de faixa
ou por um sua porta está aberta.

Pela passagem que se pede,
se segundos demorada,
farol se arregala convulso e
já brutas três ou mais buzinadas.

E se brusco entrar na frente,
cortar sem pedir, à moda de disputa,
buzina-goela jagunça, dedo em riste,
olha aqui pro teu cu, filho duma puta!

PÓS-MODERNISMO (FOLGA
PARA OSWALD)

para Maria Lúcia Leitão

Me dá um cigarro
já era.

A galera
hoje
manda assim:

Ô, fera,
dá um cigarro aí.

NATAL TOTAL

para Thaysa Batista

É chegado o Natal.
As lojas perdem o sono
pra ninguém perder a alegria.

É Natal e logo será janeiro
de tremores e dores:
saem árvores, vêm notas fiscais.

Natal de fogos de artifício,
barulho de ofício,
guerra de som entre os vizinhos.

(Aquele reza no banheiro:
meu Deus, esvazia minhas culpas
que o próximo ano promete).

Noite de Natal
e de estômagos entupidos,
veias alucinadas,
carnes obsessivas.

É Natal, os religiosos
enfiam em nossa goela
a volta de Jesus.

E quando Ele voltar, atônito,
vai erguer a voz para um sermão.
Mas na hora vão dizer:
Ô Jesus, agora não que hoje é Natal!

DESCARTÁVEIS (ODE À MINHA GERAÇÃO)

Pensar?,
logo desisto.

TIRA O PÉ DO CHÃO!

(a cabeça também)

FRANQUEZA

para Afrânio Barbosa

Educação em crise,
nestes dias de hoje,
é televisão queimada.

SUSPEITE

para Aparecida Fuzyama

Se você for conversar
com um gramático da antiga
(que pode ser mais novo que você),
ele vai dizer,
mesmo diante de tudo,
que sorriso é substantivo comum,
e a amargura, abstrato.

BRUXA QUE PEGA HOMEM

Te põe no teu lugar
ou o desemprego
te bota no saco.

NO JORNAL (OU AÇÃO, REAÇÃO E PENITÊNCIA)

para Luiz Carlos Arêas

XADREZ

A máquina derrota a humanidade.

O GLOBO, 6 de dezembro de 2006.

CLAMOR

Oh, ponto médio,
ensinai
a livrar-nos
de nós!

2

BOLSA DE VALORES

para Luciano Valentim

SEM MITO

O dinheiro é o nada que é tudo.

A FACE

Mundo mundo, vasto mundo,
mesmo eu um Raimundo,
com uma conta pródiga
tudo teria solução.

E assim o vasto mundo...
vasto mesmo?
Sei não.

NEGÓCIO

A propaganda é alma,
cabeça,
tronco
e membros
do mundo.

(Mas sem a alma na lista, dá no mesmo).

NATUREZA MORTA

As costas
da empresa
encostadas
ao rio.

NOTÍCIA

para Fernando Flack

Havia um espelho
no meio do mundo
que não quebrava.

(um trocadinho
que na maloca
o tranqüilizava).

A REPÚBLICA

Bardo?

Baldo.

(saldo):

PANFLETO DESTE MINUTO

I

Farinha pouca,
toda ela
ao meu pirão.

II

Quem com ferro feriu
agora aferra
com especulação.

DEZOITO ANOS

No e-mail:
Pai, me dá uma moto.
Eu quero calor humano.

IDENTIDADE

para Ary Pimentel

Diga o que consumes,
o consumo dirá quem és.

CADASTRO DE PESSOA ABSTRATA

E mudo,
dirás tudo.

SHOPPING

boy
buy!

boy

buy!

buy

buy

buy

boy

BUY BUY BUY BUYBUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUYBUY BUY
BUY BUY BUY BUY BUY BUYBUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY
BUY BUY BUY BUY BUY BUYBUY BUY BUY BUY BUY BUY
BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY
BUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUY
BUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUY
YBUYBUYBUYBUYBUYBYEBUYBUYBUYBUYBUYBUY
BUYBUYBUYBUYBYEBUM!BYEBUYBUYBUYBUY
BUYBUYBUYBUYBUYBYE BUYBUYBUYBUYBUYBUY
BUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUYBUY
BUY BUYBUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUYBUY
BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUYBUY BUY BUY BUY
BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY BUY

EX-BELEZA

Afinal,
a riqueza
deformou
ou
revelou
Tereza?

PAIDÉIA

Seja um homem de bens.

O INCAUTO

Num dia saí a catar os lírios,
escassos, brotados no asfalto.
O sol, que há muito me negava delírio,
vibrou raios no meu seio incauto.

Daí os carros, em vultos estupefatos,
alardearam meu minuto ao muro que espreitava.
As formigas vigilantes alertaram os lagartos,
e dos lírios se corroía o que lhes vivificava.

De repente, uma falange de répteis e insetos
arrastaram-me ao bueiro aberto da realidade.
Omisso, deixei, pela cota do lote e do concreto,
os lírios perecerem em plena flor da idade.

III

POR QUE ME UFANO OU NÃO

*POESIA –
espinha dorsal
Não te quero
fezes
nem flores
Quero-te aberta
para o que der
e vier*

Francisco Alvim

ARTE POÉTICA (QUE SE
QUER ARTE DOS DIAS)

Poesia
que sejas
também
um
também,
simfazejo!

À MODA NOSSA DE CADA DIA

O SIM E O NÃO

para Alexei Bueno

Certo.

Poesia,

por vezes,

fezes.

Mas,

convenhamos,

só cagar

por cagar

será

poiesis?

OS SITUACIONISTAS ATUAIS
DA POESIA NO BRASIL

O que eu vejo é um beco.

BERRO

Socorram-lhes!
Eles estão presos à liberdade!

EXTÉTICA
para Dau Bastos

Estética
com ética
(do tipo
epilética)?
:
patética
:
caquética
:
extética.

ADRIANO ESPÍNOLA

— Adriano, só pelos poros
do ser vai-se ao pleno em si.

— Pois é. Mas olha:
lá no Mucuripe
aquele monte de prédio
condominou areia e água.
Mesmo assim José,
mesmo João,
têm feito peixe brotar
dos restos (mortais)
da qualidade de vida s/a.

E há ainda um
que raspa o azul,
põe no bolso
e leva pra casa,
pra chamar de céu a esposa,
e com ela jangadar nas nuvens.

SIMPÓSIO (CADA UM DÁ
O QUE TEM)

para Fabrício Corsaletti

POESIA

Esse mundo que gira
também quica.

POESIA II

Distribuição eletrônica dos elementos
de símbolos e sílabas.

Superávit primário. Deficitária metáfora
do eu não sei quem sou.

A inorganicidade do tempo está assentada
sobre e sob fundos falsos desde o paleolítico.

p.s. Tem poeta (nossa senhora!) que é chato pra caralho.

POESIA III

POESIA IV (RESENHA DE POESIA III)

A boca fala aquilo de que o coração está cheio.

POESIA V

Masturbador de ofício
moribundo vitalício.

Nunca sorveu à taça uma buceta,
proclama uma vida só punheta.

2

EM MEIO AO TRÂNSITO,
JANGADA

para Vivian Catarina

ADRIANO ESPÍNOLA II (MIJANDO
NO AUGUE DO NEOLIBERALISMO)

O poeta Adriano Espínola no banco.

Afoito entre os botões do caixa eletrônico.

Lírico
em fino esculacho.

Pescando uma grana?

Nada, rapaz. Tô é enfiando poesia
no cu dessa máquina.

DITADO

para Juliana Rodrigues

A fé remove montanhas.
A arte as edifica,
montanha-as.

EPIGRAMAS

para Auto Lyra

Faca miúda
também faz
bananeira gritar.

CHARLES BAUDELAIRE

para Mário Fumanga

A garça,
graça
da baía
cheia de graxa,
por sobre
o mundo que marcha,
majestosa voa,
sem mácula.

ANTONIO CARLOS SECCHIN

I

Outra garça se alça
ao céu.

Leva lago nos olhos:
há na pele da baía
(na baía que havia)
placentas de óleo.

II

Mas seu vôo
é sem grito.

Deixa
na parede do segundo
um bordar de nuvens

(forma alva
no turvo amorfo:
salva-o do mofo).

Desenha um céu
com garça

(acima
do mundo da máquina)

(acima
da vida que assa).

III

Por que voa
a garça?

fuga do fogo?

é covarde
ao que arde?

pirraça
às traças?

são olvidos
os ouvidos?

que rechaça?

IV

Mas também é de pouso

e como um galo
põe-se à terra

longe da guerra

dos urubus.

E como um galo
põe-se à terra

(céu dos sem-asas)

ao lado dos urubus,
da baía de negro pus.

ao lado dos abutres
(no lago encahado)
onde a vida de fato putre.

Onde não há cisnes:
a biologia evapora,
volta em chuva de tises.

O lago não lhe é morada,
mas o ali elege
à sua estada.

E faz movida
sua parada.

O pouso
é sem alarme.

Voa.

V

Não liga às lentes.
Desliza lenta
pelo que quer leve:

céu machucado
(surrado)

de sorriso breve
(o ar da garça)

(tempos da ternura
em estado de greve).

(A garça se atreve)

Por que não dar ao piso
ares (colares)
de teto?

Lúcida, espalha

plumas

pelo

plúmbeo

e não crê tolo
militar pelo afeto.

JOÃO CABRAL E HERÁCLITO

Das fezes brotam flores.

CLARICE

Escurice.

FRANCISCO ALVIM

Negócio curto
e fino:
pega na veia,
manda na mosca:
supino!

MACHADO DE ASSIS

— Cavalheiro, licor ou cachaça?
— Ventos.

UM PRÉDIO DE OSCAR NIEMEYER

O barro é
cimento.
A mulher,
o vento
(langor
do pé ao
pescoço:
vigor
vigente
desde o
esboço).

O porquê é
mão ao humano.
O para quê,
dedo no dano
(mover o que há
a cada passo dado;
fazer-se suspenso
no correr ordenado).

O serviço é
da História.
E à Vida
vai a glória
(embora as serpentes,
namoremos a vitória).

AO SANTO POETA

A foice da noite decepou-te a perna
mas não te deprimiu a fala.
As mãos freqüente penetram
embora ocupadas da bengala.

Mesmo a anos-luz de nós,
por despachado da biosfera,
apontas à grandeza dos pós,
por ti barro, sopro, costela.

E na folha que ficou em branco
(pela negra morte, fuga da exaustão?)
há sabor de fagulhas de verso
afirmado com viva exclamação!

20 de julho de 2005, no chuvoso inverno do Rio de Janeiro.

CARNE-VIVA

para Márcia Hipertt

Não há como negar,
é no coração
que os poemas têm melhor abrigo.

Ainda que entortem
o meridiano de Greenwich
ou façam o alfabeto
vomitar-se pelos pés,

têm real e total significado
na garganta do estudante,
no caderno da mocinha,
na pele da vida.

IV

APÊNDICE: ACOSTAMENTO

—*Irmão Semáforo, fale-me do homem.*

E a luz vermelha acendeu.

Adriano Espínola

CAVERNA MAIS MODERNA

para Alex Bonifácio

Eis o asfalto:
caos emaranhado
de homens atados
em nós.

Repara o colapso
dado em paralisia,
abrasadora agonia
no esvoaço dos pés.

Repara o asfalto:
ele somos nós.

TUDO AO MESMO TEMPO AGORA

ACOSTAMENTO

para Ferreira Gullar

I

o Globo é de cólicas
ao tempo
em que placas
mandam seguir
adiante

só que as
estradas, engarrafadas;
as saídas, vigiadas;
e punidos
os saídos.

tudo pára
tudo se espreme
(nada se transforma)

e tudo manda
trânsito
não aos trancos

mas os dentes
travam apertam
aquela vontade de
mandar tudo
pro caralho

mas o medo
o medo
o medo
o medo
de ir junto
(a mil)
pra puta que pariu

(a estrada tem dono;
o trabalho, patrão)

nada de
desequilíbrio
a vida é assim
quem quer chegar lá
tem que passar por isso

e o apito apito apito apito apito
apito
infinito
da ordem
e do progresso

ai meu pai
salva
meu estômago
coração
da minha alma
órgão
do milênio!

agüente-se
o sol ácido
descamisado

as rajadas
de apito

as granadas
de buzina

a avalanche
de entulho

os tufões
de barulho

na caldeira
do asfalto

III

que faço em meio
ao trânsito
no meio
do ônibus
onde se aperta
se enterra
no seio da vida
dívida-eterna?

que faço agora
que o céu
é só estrada
de aviões

o mar
é terra
de novos vulcões

(navios a
cagarem
colossais
tintas
do novo progresso)?

se a todos
é fato
o cansaço

—que faço?

que faço
se estou no meio
do ônibus
em pé desde o embarque

as pernas
em enxaqueca

e tenho
de me
qualificar

de me
reciclar

de adquirir
experiência

antes de
trabalhar

e ganhar

ganhar

ganhar

ganhar

pra ser pai antes dos trinta
depois
de casar

ser um cidadão
bom

– me notabilizar?

que faço se
as armas se
enferrujaram
a si mesmas
e no ônibus
te pisam no pé
sem desculpas?

perdeu a esportiva?
é mais homem que os outros?
tua mulher dormiu de calça?

que faço
se mandam
mas
bloqueiam
e não me deixam ir
a mil?
acordar mais cedo
nem dormir talvez.

que faço
poeta
se andar na contramão
já está nas vitrines
até das piores
lojas do ramo?

se poesia
que o pau-de-arara
não movia
nem comovia

agora
não acelera
o novo navio
(não negreiro
todos são de boas cores
e boas feições
para as
agências de emprego)

agora
não acelera
o novo navio
não o desatola
nem o consola?

o que
em meio
ao ônibus

em meio
ao engarrafamento
imóvel
puto
e já nem
querendo saber
de porra nenhuma?

(só pular
sair
andar
fugir!)

Aleijado
poderei oferecer
meu braço?

IV

o globo
o globo é de cólicas
e estes ventos
espalham a febre
de chegar lá
no lugar ao sol
sem saber onde
chegar

(deve-se saber
chegar e sair

(sair a mil
é melhor;
blindar
pra relaxar;
- o ápice
é trancar;
quem mandou sair
a uma hora dessas?)
há pontos fixos de assalto
a partir das vinte
e uma horas)

o globo
é de cólicas
e não se pode
dar moleza
não se pode
ser moleza
não há tempo a perder.

V

às vezes
as estradas dão brechas

há um canto
onde nasce
um mato
em meio
à cirrose
dos dias

mas lá estão
os capatazes
dos donos
das estradas

já se disse
que a flor
furou o asfalto

mas há quem diga
que um ônibus
de serviço expresso
passou por cima

não há
explodir estradas

e menos
evocar carroças

(no asfalto, fritamos;
no barro, atolamos)

mas há uma brecha
uma brecha
em acostamento
no canto
mais recôndito
da Avenida Brasil

da Avenida
O Mundo Todo Está Aqui

há uma brecha
e lá chegam
os capatazes

é proibido
trafegar pelo acostamento

(a qualquer momento
o apito fatal
a mil)

há uma brecha
em que se pode

uma brecha
conjunção adversativa

só
se se
despir
do que é motor

se
despedir
breve
da dor
do óleo

da embreagem

há uma brecha
em que se pode
sentar
dar
cinco minutos

há um acostamento
em que se pode
olhar
e a partir daí

Este livro também é para André Luiz Gomes Pasche

AFINAL

Nasci em Cascadura, subúrbio do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1981. Mas moro em Campo Grande, na Zona Oeste da Cidade, onde entrei em contato com a literatura a partir da professora Maria Célia, no Colégio Albert Sabin, em 1998.

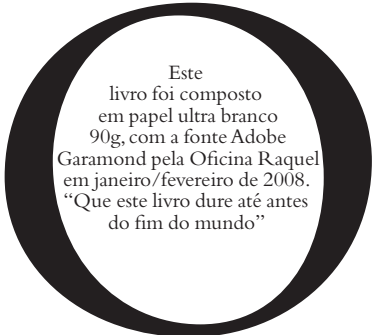
De lá até a Faculdade de Letras e à escrita de poesia com maior frequência, passaram-se alguns anos e muitos acontecimentos revolucionariamente imóveis, como é próprio de uma vida que, muito quieta, fica sentada entre o aeroporto e o sítio.

Acostamento: o solo para quem da metafísica reúne poemas que vêm sendo escritos desde janeiro de 2002, meses antes de meu ingresso na Faculdade de Letras da UFRJ, fato decisivo para o meu trabalho com poesia e para a estrada que me apareceu e que insiste em me seguir, indo sempre à minha frente.

MP

MARCOS PASCHE

Marcos Pasche nasceu no dia 10 de fevereiro de 1981, na cidade do Rio de Janeiro, onde mora (no bairro Campo Grande). Trabalha como professor e é presidente da associação de moradores do Parque São Pedro (AMPASPE). Coursou Letras na UFRJ, onde hoje faz Mestrado em Literatura Brasileira, e defenderá dissertação sobre a poesia de José Paulo Paes. *Acostamento* é seu livro de estréia.



Este
livro foi composto
em papel ultra branco
90g, com a fonte Adobe
Garamond pela Oficina Raquel
em janeiro/fevereiro de 2008.
“Que este livro dure até antes
do fim do mundo”

CAVERNA MAIS MODERNA
para Alex Bonifácio

Eis o asfalto:
caos emaranhado
de homens atados
em nós.

Repara o colapso
dado em paralisia,
abrasadora agonia
no esvoaço dos pós.

Repara o asfalto:
ele somos nós.

